

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia

Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen

FREUD E HANS SPERBER: psicanálise, linguagem, sexualidade

Belo Horizonte
2010

Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen

FREUD E HANS SPERBER: psicanálise, linguagem, sexualidade

Monografia de especialização apresentada ao Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica (CETEP) do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Maria Tereza de Mello Carvalho

Belo Horizonte
2010

150 C678f 2010	<p>Cohen, Maria Antonieta Amarante de Mendonça.</p> <p>Freud e Hans Sperber [recurso eletrônico] : psicanálise, linguagem e sexualidade / Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen. - 2010.</p> <p>1 recurso online (27 f.) : pdf</p> <p>Orientadora: Maria Teresa de Melo Carvalho.</p> <p>Monografia apresentada ao curso de Especialização em Teoria Psicanalítica - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1.Psicanális. 2.Linguagem. 3.Freud, Sigmund, 1856-1939. 4.Sperber, Hans, 1885-1963. I. Carvalho, Maria Teresa de Melo. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
----------------------	--

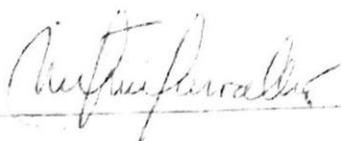
Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390

**ATA DA DEFESA DE MONOGRAFIA EM TEORIA
PSICANALÍTICA DE MARIA ANTONIETA A. DE
MENDONÇA COHEN**

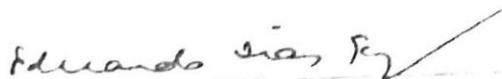
Aos 15 (quinze) dias do mês de DEZEMBRO de DOIS MIL E DEZ reuniu-se a banca examinadora da monografia em Especialização em Teoria Psicanalítica com o título "**Freud e Hans Sperber: Psicanálise, linguagem e sexualidade**", composta pelos professores: **Profa. Maria Teresa de Melo Carvalho (ORIENTADORA - FAFICH/UFMG)**, **Prof. Paulo César de Carvalho Ribeiro (FAFICH/UFMG)**, **Prof. Eduardo Dias Gontijo (FAFICH/UFMG)**. Procedeu-se à arguição, finda a qual os membros da banca examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade por sua aprovação, atribuindo à mesma nota *100*, conceito *A*. Para constar, foi lavrada a presente ata, que vai datada e assinada pelos examinadores.

Belo Horizonte, 15 de dezembro de 2010.

Banca Examinadora:



Profa. Maria Teresa de Melo Carvalho (ORIENTADORA - FAFICH/UFMG)



Prof. Eduardo Dias Gontijo (FAFICH/UFMG)



Prof. Paulo César de Carvalho Ribeiro (FAFICH/UFMG)

RESUMO

Neste trabalho estuda-se a relação entre psicanálise, linguagem e sexualidade, tendo por base três autores: Freud, nos textos em que trata de questões relativas à linguagem em sentido estrito; Laplanche (1981), (1987) e principalmente Hans Sperber (1912), cuja proposta é a de que a linguagem humana falada tem uma origem e um desenvolvimento vinculados à sexualidade. Apresenta-se uma leitura dos textos de Freud relevantes para a questão, separando-se, em seu pensamento, a linguagem *lato sensu* da linguagem *stricto sensu*, divisão imprescindível à discussão que se apresenta. Atribui-se maior relevo a esta última, mas pretende-se demonstrar que é esta modalidade de língua que permite uma leitura menos viciada dos textos freudianos no que se refere à sua relação com a linguagem humana. O texto de Sperber é dividido em duas partes para o desenvolvimento deste raciocínio: a primeira, mais teórica, em que apresenta sua hipótese sobre a origem sexual e oral da linguagem no homem, e a segunda, em que tenta comprovar empiricamente tal origem através do desdobramento deste “significado” original em formas lexicais de línguas naturais, da família germânica/indo-europeia, pretendendo que o mesmo se verifique para quaisquer outras línguas.

Palavras-chave: Psicanálise, linguagem humana falada, sexualidade, origem, Freud, Sperber

ABSTRACT

The relationship between Psychoanalysis, language and sexuality are dealt with in this work, based on three scholars: Freud, mainly in the texts where he focuses language *stricto sensu* and related questions; Laplanche (1981), (1987) and especially, Hans Sperber (1912), whose hypothesis is that spoken human language has its origin and development linked to sexuality. A reading of the relevant Freudian texts related to the issue is presented, being indispensable to the discussion a separation between language *lato sensu* and language *stricto sensu*. Special relevance is attributed to language *stricto sensu* as it leads to a less circular reading of the Freudian texts which refer to human language. Sperber text is divided into two parts to reach this goal: the first one, more theoretical, in which his hypothesis of the sexual origin of spoken human language is presented, and a second one, by means of which he tries to demonstrate the hypothesis of the sexual origin of human spoken language by means of the development of the lexical meaning of words belonging to some Indo European and Germanic languages, with the claim that such an analysis would be valid of any other language.

Keywords: Psychoanalysis, spoken human language, sexuality, origin, Freud, Sperber

LISTA DE ABREVIATURAS

Al.	Alemão
Antn.	Antigo Nórdico
AmAl.	Antigo médio alto alemão
Lat.	Latim
Gr.	Grego
Vien.	Vienense
Westf.	Westfálio
BxA.	Baixo austríaco (Steirisch)

Sumário

1	Relações entre Psicanálise e linguagem: quem foram os linguistas de Freud?	9
2	Freud, a linguagem e as línguas históricas	10
2.1	A linguagem lato sensu.....	10
2.2	A linguagem stricto sensu: Psicanálise e categorias linguísticas.....	11
3	Laplanche.....	16
4	Sperber.....	18
4.1	A linguagem humana ligada ao sexual e as manifestações sonoras	19
4.1.1	A linguagem humana e sua conformação lexical	21
4.1.2	A palavra lexical, o vocabulário, a etimologia de ordem sexual	22
4.2	Comprovação através de dados	25
5	Voltando à questão inicial	28
	Referências bibliográficas	31

1 Relações entre Psicanálise e linguagem: quem foram os linguistas de Freud?

Dentre as várias possibilidades existentes de se relacionar a Psicanálise a outras áreas do saber, como colocado por Freud em “O interesse científico da Psicanálise” (1913: 211 e ss), interessa-me no geral tratar das que se podem estabelecer entre Psicanálise, linguagem e estudos linguísticos. Linguagem e estudos linguísticos: embora intimamente relacionados, a primeira é o objeto do segundo, precisam ser distinguidos nessa relação. A presença da linguagem na Psicanálise é patente em vários níveis, como discutiremos adiante, e também o é sua relação com os estudos sobre a linguagem, ou seja, sua relação com a linguagem vai passar sob o crivo do que as teorias sobre a linguagem dizem, estabelecem sobre a mesma.

É em particular, dentro desse recorte, que considero elegível como tema deste trabalho as ideias de Freud sobre a linguagem, de como essas não se encaixam no pensamento linguístico do final do século XIX e início do XX, de cunho predominantemente historicista, e de como contribuíram para a constituição do arcabouço da Psicanálise.

Sabe-se que Freud lidou com a linguagem humana, desnecessário seria repisar este ponto. No entanto, embora estivesse engajado na cura pela fala, e não na (inexistente) neurologia de sua época, de onde viriam suas ideias linguísticas? Sabe-se também que ele menciona os trabalhos de dois estudiosos germanistas que tratam da linguagem: Carl Abel (1884-1885) e Hans Sperber (1912) e que tê-lo-iam influenciado, embora Freud não desenvolva suas propostas em detalhes. Abel ocupa-se de questões mais específicas dentro de línguas naturais, as palavras ditas primitivas; Sperber propõe uma hipótese sobre o surgimento e o desenvolvimento da linguagem no ser humano.

O interesse de Freud pela linguagem ultrapassa o simples conhecimento do que se passava no panorama linguístico de sua época ou o que pensavam seus coetâneos estudiosos da linguagem. Dentro da tradição linguística, Abel e Sperber não são sequer citados, donde se deduz não terem partilhado do pensamento da linguística histórico-comparativa típica da época¹.

A despeito de seu interesse, não trataremos aqui da questão das palavras primitivas de Abel, tema já aventado por Benveniste² em famoso artigo, mas da hipótese de Sperber

¹ Não cabe no escopo deste texto explicitar essa corrente do pensamento. Remetemos a T. Bynon (1977) e T. Bynon & Palmer (1986).

² E. Benveniste (1991).

sobre a origem e desenvolvimento da linguagem no ser humano e sua vinculação à sexualidade.

Começaremos por tratar das diversas maneiras pelas quais Freud aborda as questões da linguagem, passando por alguns aspectos do pensamento de Laplanche, quando este propõe um retorno sobre Freud, que fornecerão o elo entre a Psicanálise, a linguagem e esta ao sexual. Depois de assim colocada a questão, focalizaremos o texto de Sperber.

2 Freud, a linguagem e as línguas históricas

2.1 A linguagem *lato sensu*

Freud em “O interesse científico da Psicanálise” (1913: 211 e ss.) mostra o interesse que a Psicanálise pode trazer a outras áreas do conhecimento que não somente a medicina e a psiquiatria, exatamente porque ela toca nessas várias esferas do conhecimento, e interessa, convoca a) a psicologia propriamente e b) a filologia; c) a biologia; d) as teorias desenvolvimentistas e) a história das civilizações; f) a estética, g) o ponto de vista sociológico e, finalmente, h) o educacional. Interessante pontuar que no texto-base alemão da tradução inglesa o adjetivo “científico” não aparece. O título é, nessa língua: “*Das Interesse an der Psychoanalyse*”, ou seja, “O interesse pela Psicanálise” e não o interesse “científico” *da* ou *pela* Psicanálise. A tradução inglesa é que assim interpreta o original alemão acrescentando-lhe ‘o *scientific interest*’.

No interesse psicológico, Freud advoga em favor do caráter psíquico das neuroses através de explicações sobre as parapraxias (lapsos de linguagem ou escrita, esquecimentos, etc.) e os sonhos, também presentes em pessoas normais. Dentre as parapraxias estão vários esquecimentos, trocas da linguagem falada, que Freud já havia tratado em detalhes no texto de 1904, *Psicopatologia da vida quotidiana*, ao lado de esquecimentos não-linguísticos, que não cabe detalhar aqui. Os processos de deslocamento e condensação típicos dos sonhos, também anteriormente descritos por Freud já em 1900, em *A interpretação dos sonhos*, foram comparados a processos semelhantes existentes na linguagem articulada humana e seriam processos da linguagem tanto em sentido *lato* quanto em sentido *estrito*.

Freud anuncia um interesse pela Psicanálise por parte dos filólogos, os peritos da *fala*, que para ele (op.cit.: 211) engloba tanto a linguagem articulada humana, quanto a linguagem dos gestos, os sistemas de escrita, traduções, enfim os sistemas semióticos. A linguagem onírica teria uma origem sexual, através da presença de símbolos, que provavelmente originar-se-iam das primeiras fases da evolução linguística e conceitual

humana. Remete a essa altura ao texto de Sperber (1912) que é por ele denominado filólogo, segundo o qual as palavras de origem sexual ou denotadoras de atividades sexuais teriam tido seus significados drasticamente alterados justamente por serem relativas ao sexual.

Esse movimento de leitura ou de incorporação de conceitos de outras áreas do saber é típico da Psicanálise. No nosso entender, no pensamento de Freud importa mais *o uso* que ele fez das questões linguísticas do que o que *ele disse* sobre a importância das mesmas para a Psicanálise. Nesse sentido, o texto a que nos referimos anteriormente sobre o interesse da Psicanálise para outras áreas do conhecimento, estaria dentro dessa última vertente, daí ele arrolar sob a égide de uma filologia, tanto a linguagem verbal como a não-verbal, a gestual, a escrita. Freud usa de um termo cujo significado é muito amplo: do ponto de vista etimológico *Filologia*, ou a forma alemã *Philologie*, por ele utilizada, significa “amor à linguagem, ao conhecimento”³. Ele engloba, portanto, sob este nome geral, atividades assaz diversas. No entanto, nas obras em que efetivamente trata de material linguístico, veremos que Freud lida com línguas específicas, que estão *ipso facto* dentro do escopo da linguagem em sentido lato, mas dá a essas um tratamento detalhado, como se desenvolverá a seguir.

2.2 A linguagem *stricto sensu*: Psicanálise e categorias linguísticas

Nesta seção abordaremos a utilização que Freud faz da linguagem *stricto sensu*, isto é, das línguas naturais, históricas na sua teorização rumo à descoberta do Inconsciente, bem como porta de entrada para o acesso ao mesmo, através da linguagem humana articulada da sessão analítica.

Importa-nos sobretudo o recurso de Freud às questões da linguagem em vários passos da construção da metapsicologia. Ou seja, Freud atribui à linguagem humana articulada (embora não somente a ela) um status de base na sua teorização.

Freud lida com questões linguísticas *stricto sensu*, conforme se pode ler em vários dos seus textos que tratam mais de perto da questão da linguagem humana. Assim é que em *Os Chistes e sua relação com o Inconsciente* (1905), em *A Psicopatologia da vida quotidiana* (1901), nos estudos de casos, é através da linguagem que a análise dos pacientes se processa. Freud observa questões da língua propriamente, lapsos, erros linguísticos contextuais, que se abrem à possibilidade da análise e abrem a análise.

³ Carolina Michaelis de Vasconcelos. *Lições de Filologia Portuguesa. Segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13*. Lisboa: Martins Fontes, s/d.

Nesses casos trabalha-se com material linguístico e categorias bem conhecidas dos profissionais da linguagem, que estudam a língua cientificamente: fonemas, morfemas, sintagmas, interpretação semântica, embora Freud não os nomeie assim. Nesse sentido, nossa leitura é de certa forma, anacrônica. Há uma imiçção do presente no passado, ao entendermos o texto de Freud nos valendo de desenvolvimentos das teorias linguísticas que lhe são cronologicamente posteriores, embora a natureza do fenômeno linguístico não tenha se alterado nesse intervalo de tempo!

Segundo Lyons (1970: 1) “a lingüística é o estudo científico da língua”. Observe-se que esta concepção difere da de Chomsky, o famoso linguista do século XX, cujo objeto de investigação é a gramática universal, que se realiza em línguas particulares, mas não se interessa por línguas particulares *per se*, mas no que essas manifestam da capacidade humana da linguagem. Já a de Lyons, partilhada pelos que querem estudar a língua cientificamente, não factualmente ou universalmente, o objeto da lingüística é o estudo da língua, não da linguagem.

Há também nas categorias mencionadas (morfemas, fonemas, etc.) um cunho generalizante e universalista, no sentido de que toda e qualquer língua do mundo as possui. O raciocínio seria, então: a Psicanálise utiliza-se de categorias universais das línguas históricas, categorias cientificamente identificadas pelos estudiosos da linguagem, como um dos meios de acesso a inconsciente e de manifestação do inconsciente, muito embora não se depreenda do texto freudiano sua vinculação a nenhuma teoria ou prática linguística sua coetânea. *A posteriori* identificam-se no material linguístico observado por Freud as categorias linguísticas conhecidas, mas ele não explicita esse uso. Trata-as com desenvoltura e intimidade, como parte do ser humano, a quem legitimamente a linguagem pertence e em quem se realiza e concretiza.

Assim, lê-se em *Os Chistes e sua relação com o Inconsciente*

Um pensamento pode, em geral, ser expresso por várias **formas lingüísticas** - ou seja, por várias **palavras** - que podem representá-lo com igual aptidão. (...) mas se o que faz de nosso exemplo um chiste não reside no pensamento, devemos procurá-lo na forma, na **verbalização** que o exprime. (ES, vol. VIII:29 e ss.,1905)

A propósito do clássico chiste *famillionär* (< *familiär* (adj.) + *Millionär* (subst.)), Freud fala de palavras, de estrutura verbal, sílabas finais, palavra composta, de toda uma terminologia gramatical, para nomear processos que são perfeitamente predizíveis na língua alemã, dados os mecanismos de formação de palavras que lhe são típicos. Cria-se na língua alemã um neologismo, uma forma de sentido adverbial (pelo menos essa é a tradução, com o

sufixo *-mente*, “*familionariamente*”, “de uma maneira *familionária*”, no português), a partir de modelos nominais, ou seja, um adjetivo e um substantivo. Leia-se

(...) A palavra familiar [familiarmente], na expressão não chistosa do pensamento, transformou-se no texto do chiste em ‘*familionär* [familionariamente]; e não pode haver dúvida de que é precisamente dessa estrutura verbal que dependem o caráter do chiste como chiste... (ES, vol. VIII: 31/2)

Esse processo, que provoca o riso, é também um processo de mudança linguística que envolve recategorização: há uma recategorização e uma reinterpretação de parte de dois sintagmas nominais (locuções nominais) como um sintagma adverbial (locução adverbial), mais ligado ao verbo, portanto⁴.

Pretendemos assim indicar que:

- a) realmente questões de morfologia, de semântica e de mudança linguísticas estão aí claramente presentes;
- b) os processos que provocam o riso, o chiste, são processos linguísticos normais nas línguas históricas que ocorrem em outros contextos que não o chiste, ou seja, são processos linguísticos vernaculares, normais nas línguas do mundo. Supõe-se que o que Freud propõe baseado em dados do alemão, se sustente para outras línguas do mundo, respeitados os limites estruturais de cada uma.

Veja-se essa outra passagem, mais à frente

Há **palavras** em alemão que dependendo de estarem ‘**plenas**’ ou ‘**vazias**’, podem ser tomadas em **sentido** diferente e, de fato, em mais de um sentido. Pois, podem haver duas **derivações de uma mesma raiz**, uma das quais seja uma palavra de sentido pleno e a outra **uma sílaba final ou sufixo esvaziado**, sendo ambas pronunciadas exatamente da mesma maneira.(...) Em ambos os casos a técnica do chiste se aproveita das condições prevalecentes no **material lingüístico**. (ES, vol.VIII:p. 49 e ss.)

em que Freud faz uma descrição de formas linguísticas e sua interpretação semântica: palavras ‘plenas’ e ‘vazias’ de sentido, sufixos, raízes: questões morfológicas e semânticas estão aí em ação.

Como se lê, há uma estreita relação entre o material linguístico e o uso que dele faz o chiste, essa é a proposta de Freud. Há que se acrescentar que o resultado do chiste, apesar de

⁴ Como não tivemos acesso ao original alemão, estamos analisando, na verdade, sua tradução, sem termos certeza se no alemão *famillionär* teve um uso adjetival ou adverbial. Se for adjetival, a mudança em questão não seria tão drástica, mas se for adverbial torna-se o fenômeno, do ponto de vista linguístico, mais interessante ainda.

seu efeito cômico através de uma interpretação inesperada, é predizível linguisticamente. Não há nada de agramatical no processo de criação de *famillionär* e nos *chistes de modificação*.

Outros textos de Freud referem-se a questões propriamente linguísticas além do relativo aos chistes. Podemos citar *A psicopatologia da vida quotidiana* (1901), *A significação antitética das palavras primitivas* (1910), *A significação das seqüências de vogais* (1911-1913), em que ele realmente lida com a linguagem articulada, além dos em que lida com a linguagem *lato sensu* como *A Interpretação dos Sonhos* (1900), a *Carta 52*, o *Projeto para uma psicologia científica* (1895). O conceito de tradução também é presente: tradução de um sistema de signos, que pode ser não-verbal, para outro sistema de signos, também não verbal, ou para um sistema verbal.

Segundo Amati-Mahler (2005:97), além desses textos em que claramente questões linguísticas são tratadas, “a obra de Freud é rica em observações sobre a linguagem e o uso das línguas”. Freud esteve inserido num ambiente multilíngue e menciona-se que em sonhos, seus pacientes tendiam a expressar-se em dialetos e não no alemão oficial, da mesma forma que os chistes também faziam uso de ambigüidades e jogos nos dialetos germânicos.

Não cabe dentro do escopo desta monografia prolongar e comentar todas as passagens em que Freud dissecava questões linguísticas como o faria um gramático. Queremos assinalar que elas perpassam toda a obra e basta que nos interessemos pelo tema e aí encontraremos muito material para discussão.

A este respeito faz-se mister mencionar os livros de Michel Arrivé⁵, que tratam da relação da Psicanálise com a linguagem, muito à maneira que nos agrada. Embora ele se centre mais em Lacan, Freud também é objeto de seu escrutínio. Desde 1986, se não antes, Arrivé discute as relações da linguagem, da linguística, principalmente a estrutural, e a Psicanálise. É um dos raros autores que ao relacionar linguagem e Psicanálise entende língua enquanto língua e não desconsidera esta passando diretamente da Psicanálise à literatura, o que pode levar a um descaminho, como, por exemplo, colocar os autores no divã. Arrivé não fica também apenas na subversão do signo linguístico saussureano supostamente feita por

⁵ Michel Arrivé. *Linguística e Psicanálise. Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os outros*. Trad. bras. Do original francês (1986). SP: Edusp, 1994 e *Langage et Psychanalyse, linguistique et inconscient. Freud, Saussure, Pichon, Lacan*. Paris: PUF, 1994.

Lacan, já severamente criticada, por exemplo, em Maliska (2003)⁶. Como Arrivé se centra muito na questão do símbolo e do signo linguístico e de como este foi refeito por seus coetâneos, discutindo as idéias não só de Saussure, mas de Hjelmslev, Lacan, Damourette e Pichon, Jakobson “e os outros”, como o próprio título dos livros anuncia, não as apresentaremos aqui, pois temos um foco mais específico. Ele dedica um capítulo a Freud e os seus linguistas Abel e Sperber, incluindo também o presidente Schreber (sic!), com a questão da língua fundamental, mas dedica-se mais a Abel do que a Sperber.

Queremos, com esta exposição, atestar a forte presença de questões linguísticas *stricto sensu* na obra de Freud, além do já também apresentado interesse pelas questões da linguagem humana em geral.

Muito embora a relação da língua escrita com a Psicanálise possa ser relevante e mesmo muito ao gosto de alguns, principalmente quando se trata da linguagem escrita como arte e como ficção, a literatura, no momento essa articulação foge ao tema em foco. Os lapsos de leitura e lapsos de escrita descritos por Freud, preferimos entendê-los como interferência da oralidade na escrita, pertencendo, portanto, ao escopo dos estudos da linguagem humana articulada falada, como a vimos entendendo aqui, mas reconhecendo a não-trivialidade da questão da relação da oralidade com a escrita.

Questões mais básicas da linguagem humana oral articulada merecem atenção antes que se releve a questão literária. A linguagem literária é, no nosso ponto-de-vista, um extremo artístico da matriz “linguagem humana articulada escrita”, e não está na boca do falante, independente de qualquer sectarismo, seja étnico, social, cultural, ideológico, etc. como o está a língua vernacular, do dia a dia, a básica para o ser humano.

O Esquema (i) tenta hierarquizar a questão da linguagem humana. Em negrito, a parte que nos ocupa no momento:

Esquema (i)

linguagem - linguagem humana - linguagem humana articulada - língua falada – língua escrita

⁶ Essa questão é ironicamente referida como “o velho rame-rame que, de tempos em tempos, comemora a subversão lacaniana do signo saussureano”. (op. cit. p. 14)

Dentre algumas das razões que podem justificar a primazia do falado sobre o escrito na Psicanálise repetimos o que já apresentamos em trabalhos anteriores⁷: a) a língua falada é mais universal do que a escrita: todos os seres humanos falam, se não tiverem uma deformação que os impeça de adquirir a linguagem, mas nem todos escrevem; b) há culturas ágrafas, c) o ser humano (criança) fala antes de escrever.

Assim colocada a questão que nos interessa, passaremos ao texto de Sperber, mas traremos antes um excerto do pensamento de Laplanche que reforçou o nosso intuito de buscar o porquê da linguagem na Psicanálise, além das constatações aqui anteriormente apresentadas sobre a sua relevância na metapsicologia freudiana.

3 Laplanche

No texto de 1992⁸, *Novos Fundamentos para a Psicanálise*, Laplanche tenta entender como Freud trata a questão da linguagem na Psicanálise, dentre outros aspectos. Segundo sua leitura, a linguagem articulada tem em Freud um caráter secundário, sob três perspectivas: a econômica, a tópica e a histórica.

Em sua interpretação vai destituindo uma por uma as razões da importância que a linguagem possa ter tido para Freud na constituição do Inconsciente, em contraposição a Lacan, para quem, como se sabe, esta não somente desempenha um papel fundamental na Psicanálise, como estrutura o próprio Inconsciente, chegando ao famoso aforisma “o Inconsciente é estruturado como uma linguagem”. Para Laplanche o Inconsciente tem outra origem e não é definitivamente estruturado como uma linguagem, independente da leitura que se possa dar a essa estruturação.

Inicia-se aí uma discussão importante para a história das idéias psicanalíticas. Na sua Teoria da Sedução Generalizada, Laplanche volta a Freud e recoloca a sexualidade no fundamento central do Inconsciente⁹.

Voltando às três perspectivas discutidas por Laplanche, na sua leitura de Freud: na econômica, a linguagem é regida por restrições. Não é tudo que se simboliza através da linguagem verbal e por isso ela não seria tão importante assim. Isso parece correto, sob uma perspectiva linguística: reconhecer que a linguagem humana e as línguas humanas não

⁷ M. Antonieta Cohen (2006, 2008).

⁸ Original francês de 1987.

⁹ A questão da importância da sexualidade no pensamento de Laplanche demanda um aprofundamento à parte. Cf. Alain Costes (2005) e outros do próprio Laplanche.

simbolizam tudo. É essa uma característica estrutural e estruturante da linguagem humana, por si excludente, no sentido de que quando se realiza uma elocução linguística, muitas outras deixam de ser realizadas efetivamente, além do que nem tudo é realmente simbolizável através da palavra humana articulada ou mesmo escrita.

Acrescente-se que um dos avanços da linguística chomskyana e de outros ramos como a sociolinguística e a tipologia linguística é o fato de proporem restrições às realizações linguísticas, tanto que seus objetivos não seriam apenas os descritivos, ou seja, descrever as propriedades das línguas históricas do mundo (cerca de 6900 línguas), mas também suas restrições. A teoria linguística teria de responder a perguntas tais como: por que o artigo definido em algumas línguas é preposto ao nome, em outras, posposto, e em outras inexistente? Por que o pronome átono não figura como sujeito gramatical? Por que tal forma linguística se mantém inalterada com o passar do tempo e outra, muda? Por que esta sentença é aceitável e gramatical e outra não o é?

Portanto, as características apontadas não enfraqueceriam, no nosso entendimento, a força da linguagem, apenas atribuem-lhe um nível de discussão científico.

Na perspectiva da topologia, Laplanche mostra que em Freud a linguagem também não é considerada como uma característica do Inconsciente, ou seja, seria do Pré-consciente, e, relevante, sim, no tratamento, mas não fundamental, da raiz do Inconsciente. Para Laplanche, este teria sido implantado na criança pelos adultos através de mensagens sexuais sobre as quais os próprios não teriam controle, as chamadas por Laplanche de mensagens enigmáticas.

Na perspectiva histórica, a linguagem humana articulada não seria fundadora já que seria cronologicamente tardia no sentido de que teria existido uma fase prelinguística da humanidade, em que as primeiras palavras e a primeira linguagem teriam tido uma origem sexual.

Provocados pela leitura desta passagem dos *Novos Fundamentos*, bem como nas *Problemáticas IV*, de Jean Laplanche, de *O Inconsciente e o Id*, incluímos nesta discussão da relação entre linguagem e Psicanálise a questão da origem sexual da linguagem humana, ou da origem que envolve fatores da ordem do sexual. A relação, em princípio dual, que nos propusemos discutir, desdobra-se numa tríade: a Psicanálise, a linguagem, a sexualidade.

A razão deste interesse deriva da articulação que nos pareceu possível entre essa curta alusão à pré-história da linguagem no homem e a menção de Freud ao trabalho de Hans Sperber, de 1912, que justamente evoca a origem da linguagem humana. Essa

hipótese, como se verá, atribui à linguagem humana uma origem e um desenvolvimento ligados e mantidos pelo sexual (pela sexualidade?). Na “Conferência X” das *Conferências Introdutórias*¹⁰, Freud expõe com clareza algumas das ideias de Sperber, deste artigo que nos interessa, enfatizando a origem sexual da linguagem e relacionando-a ao simbolismo dos sonhos. No entanto, ao lermos o texto de Sperber, verificamos que o simbolismo dos sonhos não é o tipo de linguagem que interessa seu Autor, mas sim a linguagem humana oral.

O texto a que nos referimos intitula-se “Über den Einfluss sexueller Momente auf Entstehung und Entwicklung der Sprache”¹¹ (“A influência das atividades sexuais/do momentum sexual sobre a origem e o desenvolvimento da linguagem”), que parece determinar algo do arcabouço da metapsicologia freudiana, mas que lhe fica como um pano de fundo.

Esse texto não é suficientemente detalhado por Freud para que os leitores acompanhem o seu raciocínio em relação à importância da linguagem — no que concerne à sua origem e desenvolvimento ligados à sexualidade — na Psicanálise.

Seguindo o que, ao nosso ver, falta, é que se nos coloca o desafio de aprofundar nesse tema, que parece profícuo, no intento de tentar entender porque Freud se utiliza da linguagem de diversas maneiras na sua teorização e mais ainda porque esta é supostamente ligada ao sexual na sua origem, além de outros aspectos fundamentais deste entrelaçamento.

Neste trabalho vamos explorar o texto de Sperber sobre a aludida origem sexual da linguagem, tanto neste aspecto quanto outros que possam ser relevantes à presente discussão.

4 Sperber

Nesta seção apresentaremos as idéias e hipóteses de Hans Sperber no texto mencionado, dividindo-o em duas partes: a primeira em que propõe sua teoria sobre a origem sexual da linguagem humana, entendida como linguagem oral, e a segunda, em que busca comprovação de suas hipóteses na família germânica de línguas, admitindo que o mesmo pode ser testado em outras famílias de línguas do mundo. Na verdade, Sperber acaba

¹⁰ Edição eletrônica de Freud: vol. XV, Conferência X., 1915-1917.

¹¹ Tradução de T. Lobo Ribeiro (2010).

por abranger a família indo-europeia, uma vez que apela muitas vezes para o latim (do grupo itálico da família indo-europeia) e ao grego (do grupo helênico da mesma família)¹².

4.1 A linguagem humana ligada ao sexual e as manifestações sonoras

Mesmo que se compreenda o uso que Freud faz da linguagem em seus diversos sentidos, como brevemente apresentamos nas seções anteriores, a questão “por que” a linguagem ainda demanda respostas. O que torna as ideias de Sperber tão interessantes para nós é o fato de ele como que suprir algumas lacunas no raciocínio linguístico que medeia a Psicanálise.

A abertura que se nos coloca, como já dissemos, através do texto de Sperber, é a associação da linguagem humana ao sexual, pelo menos no seu surgimento na espécie humana.

Além desta questão geral, o primeiro ponto que se destaca é a assunção de que a linguagem humana que o interessa é a oral, dos sons, e não outros tipos de linguagem, como se lê no excerto abaixo:

Mas antes de passarmos ao meu tema, a origem da linguagem, temos que adquirir clareza sobre o que se entende por “linguagem/língua” nas discussões que se seguem. Primeiramente, devo acentuar que para nós trata-se somente do surgimento da linguagem oral/ dos sons (grifo do autor), deixaremos sem tratamento os diferentes tipos de linguagem de sinais. (SPERBER, 1912:407)

Ou seja, não está interessado em sistemas semióticos não-verbais e não-orais. Em poucos autores este aspecto é assim tão claramente colocado. Há sempre uma mistura entre o oral e o escrito, o vernacular e o literário, a linguagem articulada humana e outros sistemas de signos. Mas Sperber é direto: interessa-o, no surgimento da linguagem no homem, o seu caráter oral, sonoro.

O segundo ponto refere-se ao detalhamento do que define como linguagem humana, que para ele necessariamente inclui a intenção de comunicação:

“Em outras palavras, um linguista que analisa o problema do surgimento da linguagem deve se ater necessariamente à terminologia dos eruditos e versados no tema, que só empregam a palavra “linguagem” quando existe a intenção de comunicar (grifo do autor).” (op. cit.: 407)

¹² O latim, o grego e o germânico estão numa relação de “irmandade” dentro da grande família indo-europeia, sendo este a ‘língua-mãe’. A documentação desta família de línguas remonta ao segundo milênio a.C. e supõe-se que já existisse bem antes disso.

Portanto, além de considerar como linguagem a linguagem oral, falada, ainda lhe acrescenta a intenção da comunicação. A linguagem que o interessa e que vai considerar é definida por ele como: **linguagem oral com intenção de comunicação**. Sons orais emitidos pelo homem mesmo quando decorrentes de estados emocionais, não são para Sperber linguagem, se lhes falta a intenção de comunicação. Destaque-se que essa definição dentro das inúmeras acepções que este termo geral possa assumir é de extrema pertinência., e rara, dentre os que se referem à linguagem.

Prossegue o Autor explicitando ademais o surgimento da linguagem no ser humano, uma vez que admite para este um estado prelinguístico. Tal surgimento dependeria de condições específicas.

Assim é colocada a questão: sob que condições poderia ter surgido num indivíduo, dotado de voz, mas privado de linguagem, uma intenção de comunicação? A resposta é: se este percebeu que os sons que emitia tinham a capacidade de influenciar os atos de outro indivíduo. Assim as seguintes condições são postuladas e têm de ser satisfeitas:

- a) um indivíduo A deve ter dado vazão a seus sentimentos repetidas vezes, através de sons;
- b) um outro indivíduo, B, deve ter reagido regularmente a esses sons e de maneira visível por A;
- c) A deve ter percebido a conexão entre os sons que emitiu e a reação de B.

Somente tendo cumprido essas condições iniciais poderia A utilizar intencionalmente sua voz, “gritar intencionalmente”, quando desejasse uma reação de B. A partir daí esse indivíduo possuiria não apenas uma voz, mas uma linguagem.

Isto colocado, prossegue Sperber questionando que situações seriam essas, com essa configuração, que permitissem a comunicação: a) a presença de dois indivíduos <A e B> é fundamental; b) um deles teria de estar num estado emocional tal que o induziria a uma exclamação ; c) determinadas forças deveriam estar envolvidas que permitiriam a B uma reação regular ao grito de A; d) a reação de B deveria ser desejada por A, senão A não teria naturalmente nenhum motivo para provocar a reação de B; e) a situação deveria repetir-se inalteradamente e f) ser pouco complicada.

Sperber testa as situações que até então supostamente configuravam o surgimento da linguagem no homem, como a da caça. Nesse caso, a condição de que A desejasse a reação de B não seria preenchida, pois não se poderia atribuir a este homem primitivo, próximo ao animal, segundo o Autor, o sentimento de que desejasse a fuga do outro. Embora tal situação

pudesse ser freqüente ela não seria qualificada como simples. A não perceberia que a reação de B — a fuga ao perigo — retornava a ele como uma resposta.

Duas seriam, então, as situações que preencheriam todas as condições propostas: uma é a do bebê faminto que ao chorar, atraindo a mãe, chama a si o alimento de que necessita; uma vez conseguido o objetivo passa de outras vezes a chorar intencionalmente. A outra seria a copulação, quando o macho dá vazão à sua excitação através de sons aos quais a fêmea reage quando este se aproxima.

Sperber descarta a situação bebê/mãe como aquela que teria proporcionado o **surgimento** da linguagem no ser humano, embora seja esta a maneira pela qual cada ser humano individualmente entra na linguagem. O senão refere-se ao fato de que à parte os primeiros sons-reflexos, a criança adquire a linguagem dos adultos que o cercam.

Portanto, até essa altura Sperber faz as seguintes conexões a respeito da linguagem humana e seu surgimento:

(i) dois indivíduos/linguagem oral/intenção de comunicação/desejo de provocar uma reação/repetição < gritos de origem sexual

Essa valorização da vertente oral da linguagem interessa-nos sobremaneira, pois acrescenta à nossa hipótese da primazia do falado sobre o escrito na Psicanálise um quarto argumento, talvez o mais forte deles: a linguagem humana surge da fala, dos sons, daí esta apelar para forças que possam remeter a esse estágio do surgimento: forças de raiz, ligadas ao sexual, daí o tratamento pela fala.

O Autor postula que a origem sexual da linguagem impulsionaria sua expansão para outros campos não-sexuais de atividades, referindo-se a um campo cada vez maior de objetos e atividades, o que a hipótese da origem bebê/mãe não daria conta. Prossegue tentando provar sua hipótese da seguinte maneira: haveria alguma maneira de se ligar a linguagem humana (sua coetânea ou a nossa contemporânea, tanto faz) a essa origem sexual? Haveria como retornar a esse início?

4.1.1 A linguagem humana e sua conformação lexical

Sperber continua, a partir desse patamar sexual do surgimento da linguagem falada no homem, com intenção de comunicação, a elaborar a questão da linguagem já através de categorias que a identificam, como o que ele denomina vocabulário, do domínio do léxico, isto é, a ligação de palavras a imagens, e que essas se refiram, a coisas do mundo real. Assim coloca o Autor:

Como se explica que *os homens liguem determinados grupos de sons à imagem de determinadas coisas* [grifo do autor], em outras palavras, como se explica que tenham conseguido um *vocabulário*? (p. 411, grifo do autor)

Partindo da concepção, não menos relevante, de que a linguagem acompanha a cultura, pressupõe que determinados atos, determinadas palavras só seriam possíveis como decorrência de uma situação cultural. Assim, portanto, o ato de “chamar” pressupõe um grupo.

Nesse estágio, e nessa mesma vertente, dentro da cultura, o uso de ferramentas — que separa o homem dos animais — acompanharia o desenvolvimento da linguagem. Assim completa seu raciocínio: as atividades do homem primitivo — vivendo em grupo — com suas com ferramentas seriam acompanhadas de “chamados”, “gritos” de atração sexual, uma vez que essas ferramentas seriam representações dos órgãos sexuais. Os sons dariam vazão à tensão sexual provocada pelo manejo das ferramentas.

O Autor nos fala do trabalho de frutificação da terra e suas alusões-interpretações sexuais: o arado, o falo, a terra; o arar, o coito etc. numa série paradigmática que se constitui um campo lexical, dentro do ponto-de-vista que atribui à linguagem e cultura uma vinculação estreita. Assim atos e objetos pertencentes a um mesmo campo lexical teriam uma leitura dupla, uma sexual e uma não-sexual. A não-sexual encobriria a sexual até que aparentemente essas se desvincilhassem uma da outra.

4.1.2. A palavra lexical, o vocabulário, a etimologia de ordem sexual

Observamos que até agora o Autor trata de **sons** e de **palavras**, que formam um **vocabulário**, ao aventar a origem sexual da linguagem humana. Vimos também que assume algumas definições importantes e que dão suporte **teórico à sua discussão**:

a) **a linguagem a que se refere é a falada com intenção de comunicação;**

b) **a linguagem está estreitamente vinculada à cultura:** daí decorre a condição de que o grupo deveria preexistir à linguagem, como condição para que esta surgisse da forma como ele postula.

Em seguida tenta o Autor estabelecer vínculo entre a origem sexual da linguagem no homem e o vocabulário das línguas que existem no mundo. Trabalha basicamente com séries de palavras nas línguas germânicas, tanto as mais antigas como as suas contemporâneas (início do século XX), fazendo referências ao grego e latim (por vezes), também da grande família indo-europeia (ou indo-germânica) de línguas. Consulta dicionários etimológicos, e se utiliza tanto de dados das línguas oficiais, como de dialetos. A essas palavras atribui um

significado básico sexual, que ou ter-se-ia perdido ou se transformado drasticamente, propondo um estado em que persistiriam dois significados: o sexual e o não-sexual, tendo este último suplantado o primeiro.

Essas transformações seguiriam um caminho que se repete em várias das línguas investigadas indo esbarrar num étimo cujo significado básico é o do latim *coire* (“juntar-se, reunir-se para ligação carnal”), infinitivo de *coeō*, *-is*, *coī* (*coiui*), *coitum*, *coīre*.

Voltando à questão da inserção do homem na cultura e do uso das ferramentas com um acompanhamento da excitação sexual: esse seria um estágio em que o homem associaria os sons que emitia a determinadas coisas, criando um conjunto de palavras, um vocabulário fortemente ligado à excitação sexual, aos órgãos sexuais a que os instrumentos de trabalhos, as ferramentas lembrariam, se assemelhariam.

A cadeia seria, então:

1) ferramentas > órgãos sexuais > copulação > 2) tensão > tensão sexual > vazão > produção de sons.

As ferramentas produziriam no homem uma tensão por se assemelharem aos órgãos sexuais e à copulação, o que provocaria uma tensão sexual que se extravasaria com a emissão de sons da voz humana. Esses sons seriam “chamados”. Sperber usa do termo *Lockruf* “chamado”, provavelmente do holandês; esses sons acabam por ser um chamado, dada a situação de grupo em que o homem se encontrava e às condições já apresentadas anteriormente. Em muitas línguas, culturas, trabalhos para frutificação da terra como arar, moer têm um significado sexual. O arado seria o falo, a terra seria a mulher: o lugar onde se trituram os grãos, os órgãos sexuais femininos, a pedra que os tritura, o pênis. Terra e plantas associam-se ao nascimento do homem e à seqüência *sêmen*, mãe, filho corresponde semente, terra, fruto.

Antes de entrar nas séries semânticas propriamente o Autor traz à discussão a questão - que ainda persiste em algumas versões adaptadas dos estudos linguísticos atuais - da primazia do verbo ou do nome no surgimento da linguagem. Na verdade, ele advoga em favor de as raízes verbais serem as mais antigas, mas propõe um estágio em que existiriam raízes verbais e nominais. A existência desse estágio foi questionada por outros estudiosos

da linguagem da época de Sperber, mas ele busca suporte no pensamento do neogramático Delbrück¹³.

Tal hipótese culmina numa hipótese da origem de flexões (terminações, desinências, prefixos, sufixos) a partir de raízes.

Estendendo a questão linguística: a linguagem humana origina-se através de sons que vão se tornando palavras, ou antes, raízes carregadas de um significado sexual (energia?) que se organizam em palavras, constituindo-se como vocabulário e essas agregando-se e formando unidades linguísticas mais complexas.

Sperber comprova sua hipótese sobre a origem sexual da linguagem humana através do vocabulário, através de palavras, em suma, mas propõe uma teoria sobre o desenvolvimento da linguagem além do nível da palavra, chegando até a sentença com sujeito e verbo, explicando, através da origem sexual, a existência dos substantivos, e dos adjetivos e advérbios também, como decorrência dos outros, podemos acrescentar.

Para o Autor, a primeira exteriorização linguística, o “chamado” para atrair o outro, continha o germe de diferentes categorias linguísticas. Desta forma:

- a) o “chamado” seria uma ação, donde a categoria verbo;
- b) o parceiro chamado engendraria o substantivo;
- c) como o chamado continha uma ênfase sexual, continha uma qualidade, um adjetivo;
- d) o local onde estava aquele que estava sendo chamado, levaria ao advérbio locativo.

Uma passagem que merece destaque é a do surgimento do substantivo: o homem sexualmente excitado, diferentemente do animal, num determinado estágio de seu desenvolvimento, chamaria uma fêmea determinada, e esta por sua vez atenderia ao apelo de um homem determinado, daí a criação do substantivo.

Sperber mostra como a linguagem vai se distanciando desta origem à medida que vai se tornando não tão ligada à situação real. Vai ocorrendo um enfraquecimento contínuo do motivo necessário que levava à sua exteriorização. Veja-se esta passagem:

Enquanto inicialmente emoções turbulentas eram necessárias, para arrancar do animal, até então mudo, os primeiros sons, o menor motivo é suficiente para levar o homem moderno a falar, sem que ele traia o menor sinal de emoção. Como já indicado/anunciado/dito aqui anteriormente, a emancipação da linguagem atual está ligada/depende desse enfraquecimento contínuo do motivo necessário que

¹³ Um dos nomes importantes do movimento neogramático. O famoso Manifesto Neogramático de Osthoff & Brugmann é de 1878.

levava à sua exteriorização, sendo que, cada vez com mais frequência, a simples lembrança do passado com sua ênfase emocional mínima era suficiente para criar uma exteriorização de linguagem. Mas o mesmo processo condiciona também o fato de as exteriorizações de linguagem se tornarem mais fáceis/leves, mais frequentes e mais rápidas, que sejam capazes de manter o passo com a velocidade do pensamento, que se torna cada vez mais rápido no desenrolar do desenvolvimento cultural. (p. 424-425)

Assim sua proposta fica sendo, quanto às raízes primeiras, a de que as raízes verbais eram como que sobrepujadas pelas raízes nominais e somente depois que o conteúdo semântico de uma raiz tivesse se deslocado tanto é que sua bi-partição em verbal e nominal estaria suficientemente preparada.

As primeiras raízes indicavam uma atividade (sexual), que iria transportar-se para as atividades com ferramentas, depois a imagem das ferramentas passaria ao primeiro plano.

Sperber passa, então a investigar os verbos com o significado de coïre “copular”, assim como molere (lat.) que podia significar tanto “moer”, quanto “copular”; cavar, da mesma forma, podia significar “cavar” ou “copular”; também cortar com ferramenta cega, designava “cortar” e “copular”. Passa também a investigar os substantivos que tinham o significado de “vulva”.

4.2 *Comprovação através de dados*

O Autor passa a comprovar suas hipóteses através do estudo da força semântica das palavras sexuais e chega mesmo a associar nomes e verbos e adjetivos¹⁴. A força desses desdobramentos é um aspecto importante no seu raciocínio. Apresentaremos alguns de seus exemplos, para que não fiquemos apenas na abstração linguística.

As palavras sexuais para ele apresentam uma forte capacidade para desenvolver, desdobrar seu significado, além do que, como já sabemos, em primeira instância, todos os significados procedem da raiz coïre, “encontrar-se com alguém para copular”. Vamos aos exemplos.

(1) geheien (al.) 1) “coïre, ‘uxorem ducere’ (“conduzir uma esposa, tomar uma esposa em casamento”)

(i) “maltratar”

(ii) “maltratar pelo estupro”

¹⁴ É importante observar que apesar deste campo de ação poder ser identificado como “semântica”, não é tão claro assim como essas propostas seriam tratadas hoje, com todo o desenvolvimento das teorias semânticas.

(iii) irritar-se

(iv) gehei dich , “strupa te ipsum”

(v) “correr, dar no pé”

Todas essas evoluções de (i) a (v) são registradas e culminam em significados grosseiros. Não é este um desdobramento isolado, pois pode ser verificado em outras séries de palavras, como bruien abaixo.

(2) bruien (hol.), bruiden (ant. hol.) “fazer uma jovem tornar-se mulher”, coïre’, tem um desenvolvimento paralelo ao de gehehein, apresentado acima.

(i) “atormentar”, “preocupar”, “bater”, “jogar fora”, “lançar”, “cair”, “dar no pé”, “ir”.

Outra série de verbos com o mesmo desenvolvimento:

(3) serten (al.) /serden/serda (formas germânicas), “ter relações sexuais” (chulo).

(i) “atormentar”

(ii) “apalpar”, “ter relações ilícitas com”

Com frequência encontram-se nomes designativos do órgão sexual feminino semelhantes ao verbo designativo de coïre:

(4) S c h n a l l e (vien.) “vulva”// s n a l l e n (Westf.) “coïre”

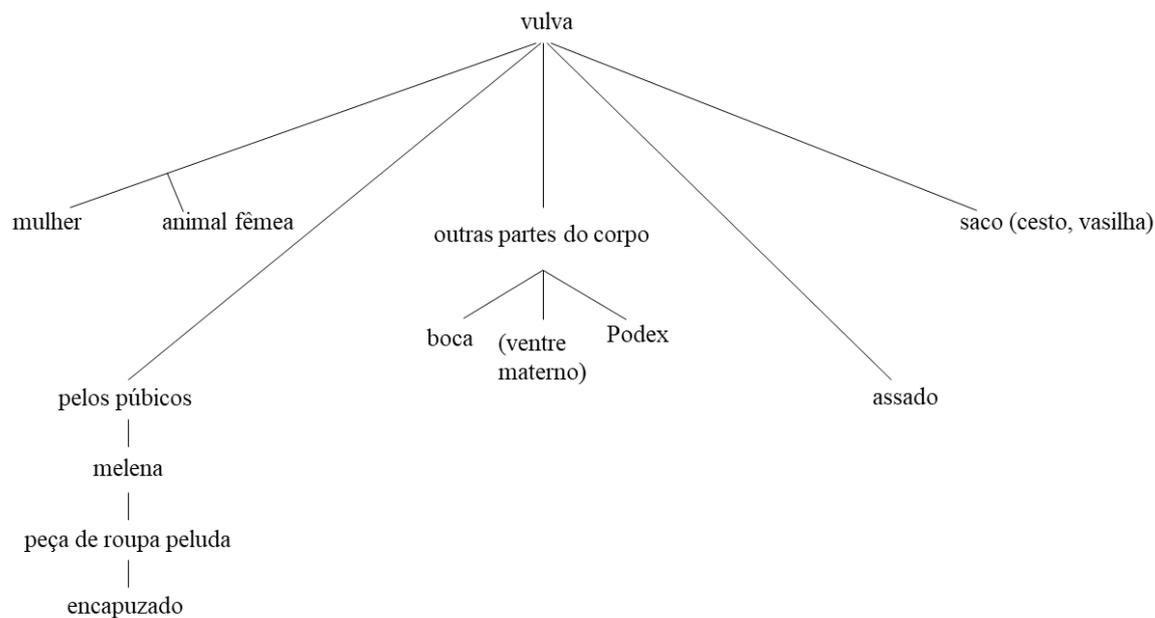
(5) g e n s e l (Amaal) , “vulva” (Antn)., g ä n s e n (Westf.) “coïre”

(6) F u m m l “vulva”, f u m m l n “coïre” (BxA.)

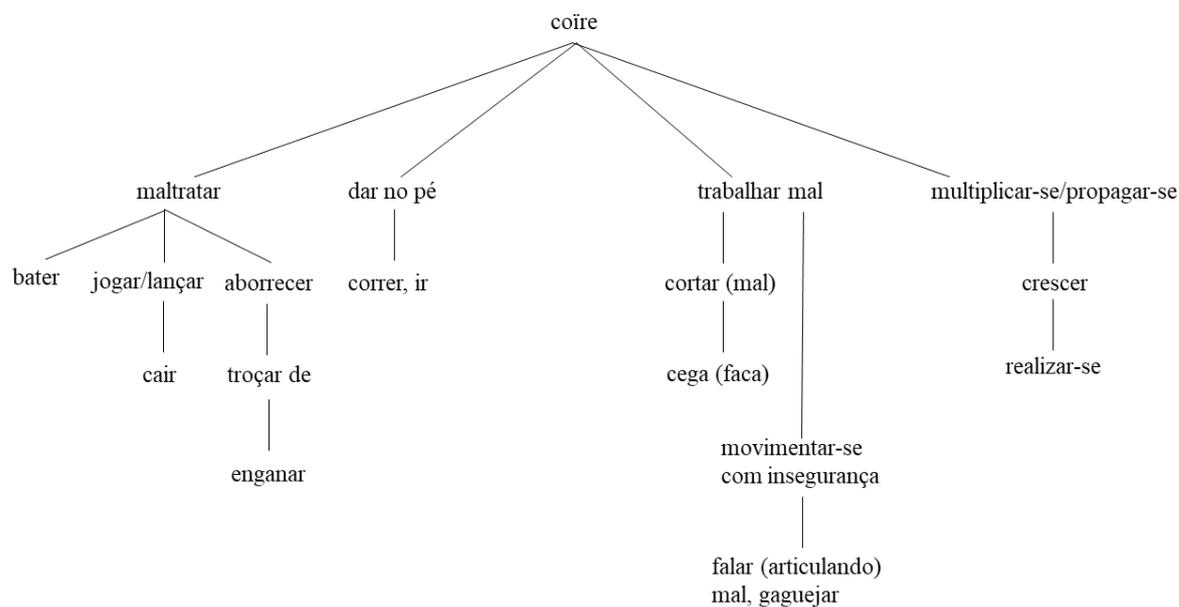
A raiz germânica fud “vulva”, “órgão sexual feminino”, “nádegas” teve um vasto desenvolvimento e acaba por formar um verbo fudeln (BxA.), “coïre”, cujo percurso semântico seguirá as linhas de geheien, mostrado acima: “rir”, “escarnecer”, “enganar”, “sair rapidamente”, “trabalhar rapidamente, mas mal”, etc. lembre-se que os significados referentes ao trabalho e às ferramentas guardam uma conotação sexual. Também adjetivos dessa mesma raiz, como fudig, têm um significado depreciativo e são usados com os verbos mencionados.

Esses desdobramentos, presentes em muitas séries de palavras, são sistematizados em (7) e (8).

(7) Desdobramento semântico das raízes que significam vulva.



(8) Desdobramento semântico das raízes que significam coire “copular”.



Em cada um desses nódulos agrupa-se um sistema semântico. A regularidade está no fato de esses desdobramentos se repetirem em várias cadeias de significados de várias línguas.

5 Voltando à questão inicial

O estudo de Sperber, na parte relativa à proposta inicial não se alinha aos estudos histórico-comparativos de sua época, como já observado, mas a alguns que o precederam ou mesmo contemporâneos mais preocupados com questões gerais sobre a linguagem humana e, principalmente, com a existência dessa fase prelinguística. Noiré (1877) e Jespersen (1894) são citados, sendo este último conhecido entre os estudiosos da linguagem. Essa fase prelinguística deixaria, no entanto, rastros na fase propriamente linguística, o que o leva a tentar comprovar sua hipótese em línguas históricas.

Na parte relativa à comprovação de sua teoria sobre a origem sexual da linguagem, através de dados linguísticos, seu estudo, pode-se dizer, é semântico e lexical.

A semântica estuda o significado. O léxico estuda a palavra, o inventário de palavras de um indivíduo, seu vocabulário, e as possibilidades lexicais de uma língua, o léxico.

O estudo em questão é semântico pelo fato de se deter em significados universais, e de como esses (coïre e vulva) se realizam que se alteram com o passar do tempo, se substituem, se anulam, etc. É também lexical pelo fato de ele tomar a palavra como sua unidade, ou seja, verbos ou nomes, ou como se viu, raízes verbais e nominais.

Está, portanto, também no escopo de uma semântica histórica, uma vez que ele tenta traçar o percurso de determinados significados a partir de determinadas raízes que teriam tido primordialmente um significado sexual. Nesse aspecto guarda uma semelhança com o comparativismo histórico de sua época, apesar de não seguir sua rigorosa metodologia. Muitas as raízes estudadas não guardam entre si uma similitude fônica. A regularidade que se verifica está nos campos semânticos que as palavras sexuais acabam por incorporar, que parecem seguir um “path”, como mostrado em (7) e (8).

Colocado de outra forma, o significante não desempenha um papel relevante nessas cadeias, nessas constelações de significados, mesmo que na origem, a linguagem tenha surgido como algo sonoro.

Apesar de Sperber reconhecer níveis mais complexos de linguagem, que vão além, hierarquicamente acima do nível da palavra, a comprovação de sua hipótese atém-se mais ao nível vocabular e não perde em importância por isso. É o léxico, o conjunto das palavras, que faz a entre cultura e linguagem. A linguagem não se resume no signo linguístico, mas este é de importância fundamental, uma vez que é nele que a relação do homem com a cultura primordialmente repousa. Sperber se concentra no que no signo é o fundamental: o “significado” sexual que é preservado em diferentes raízes, verbais e nominais.

Nas línguas naturais, históricas, uma palavra pode se confundir com sua raiz, mas pode também ir além, se a esta se adicionam sufixos, prefixos, desinências. Tome-se como exemplo **Filologia**, palavra já mencionada neste texto: tem duas raízes gregas **fil** “amar” e **log** “conhecimento”, o **-o-** intermediário é uma vogal de ligação e **-ia**, um sufixo formador de nomes latinos. Ou seja, às raízes somaram-se outros elementos.

A raiz original pode também ser suprimida, desaparecer no constituir-se diacrônico de uma língua. Veja-se o clássico exemplo de “comer”, na língua portuguesa, derivado do latim **comedere**, “comer em companhia de alguém”, que por sua vez procede de **edere**, raiz **ed**+desinência **-ere**; pois bem, a raiz **ed-** de **comedere** desaparece na passagem ao português: não há vestígio da mesma em ‘comer’, permanecem o prefixo que indicava companhia **com-** e parte da desinência **-ere>-er**. Portanto, não se recupera o significado básico pela raiz, que desapareceu.

O mesmo ocorre com **amarei** (futuro do presente de amar, 1ª pessoa do singular), cuja origem é uma perífrase latina de significado modal: **amare habeo> amaraio>amarei**. Como se vê a raiz de **habere** “ter”, desaparece, permanecendo apenas a de **amare= am-**

Observe-se que a evolução semântica dessas formas **amare habeo** e **comedere**, que, pelo que registram os dicionários, não carregavam em si um significado sexual¹⁵. encontra paralelo na supressão do significado sexual postulado por Sperber. O que queremos mostrar é que a supressão de significados primários, através do desaparecimento das raízes, é possível e até regular no desenvolver-se das línguas no eixo do tempo.

A hipótese de Sperber, que se preocupa neste texto com o **surgimento** e **desenvolvimento** da linguagem no homem, surgimento ligado ao sexual, lembre-se, que é em alguns preservado com determinados significados, se fortalece ao ter paralelo em outras evoluções aparentemente não ligadas ao sexual. As línguas variam e mudam com o passar do tempo, podem sofrer alterações, supressões, retenções e até acréscimo de significado. Acoplar o surgimento da linguagem ao significado sexual que pode vir a se mascarar, ser suprimido, recalcado, seria a grande contribuição do pensamento de Sperber, que encontra respaldo nos processos regulares de semântica das palavras sexuais, que derivariam de raízes que incorporariam estes significados de “copular” e de “órgão sexual feminino”.

Por outro lado, abordando a questão da passagem de um estado prelinguístico para um linguístico, gostaríamos de lembrar que a manutenção de formas e de significados,

¹⁵ Não vamos aqui investigar o caso específico de ‘comer sexualmente’, tão difundido no português brasileiro.

mesmo que subjacentes, não são estranhas aos estudos das línguas humanas. São os chamados resquícios, retenções de formas que como que “sobram” de estados linguísticos anteriores. São arcaísmos, fósseis linguísticos, ou como o bem coloca Lepschy (1986: 191)

Além do mais, na descrição do sistema semântico de uma língua não é fácil banir as condições dos períodos anteriores, que não somente transformaram-se nos atuais, mas que também coexistem com esses, devido ao fato de que os trabalhos do passado, que se manifestavam em sistemas semânticos anteriores, ainda fazem parte da nossa cultura. Pode ser relevante, neste contexto, lembrar que foi um contemporâneo de Saussure, o ilustre cientista escocês J. A. Ewing, que estudou certos efeitos dos metais, como a tensão, o magnetismo, etc que dependem não do estado do sistema atual, mas de condições que prevaleciam antes de tais efeitos se manifestarem; ele introduziu em 1881 o termo técnico *hysteresis* para este fenômeno...parece ser uma noção da qual os linguistas poderiam se beneficiar se a levarem em consideração.

Portanto, a manutenção de um significado subjacente sexual seria uma *hysteresis* de um estado anterior, de uma raiz que carregue em si algo de sexual. Digo algo porque não fica claro qual é a natureza deste algo. Ele aparece nas línguas como um significado, mas deve ser na origem mais do que isso: uma força, uma energia, uma pulsão de origem sexual, que se acopla à cadeia sonora como um traço que co-ocorre ao som, um traço suprasegmental.

A questão inicial que nos instigou a escrever este texto era simplesmente a difícil relação entre a Psicanálise e a linguagem, que apesar de bastante discutida por alguns, rechaçada por aqueles que entendem que somente Saussure (1906-1911) tratou da ciência da linguagem e que nada mudou de lá para cá; confundida com a literatura por outros, adquiriu aos nossos olhos uma relevância maior, ao finalizarmos este trabalho, uma vez que neste pudemos justificar a relação Psicanálise e linguagem recuperando o elo desta com a sexualidade, fechando um circuito.

Respondemos, assim, ao nosso questionamento sobre o porquê da presença tão intensa da linguagem humana oral articulada na Psicanálise recuperando os aspectos do pensamento de Sperber aqui desenvolvidos. Freud, como vimos, desvia-se para a linguagem *lato sensu*, da linguagem onírica, das ‘traduções’ dos diversos níveis do aparelho psíquico, mas dá o crédito fundamental à linguagem humana oral articulada com a regra fundamental da sessão de análise. Nessas associações, que guardam um paralelo com os desdobramentos dos campos semânticos de Sperber, que derivam em primeira instância do que é dito oralmente num processo analítico, guardariam algo desse significado, dessa força, dessa energia sexual primeva, em primeiro lugar na palavra oral, falada, que se transmite pelo ar é

descodificada pelo ouvido. Se tal força se revela na linguagem *lato sensu*, esse processo não deve ser entendido como primário, mas como um desdobramento distante do original.

A relação Psicanálise e linguagem *tout court* pode desembocar ou num simbolismo, ou na linguística, ou na literatura, não faz o necessário laço com o sexual. Conforme o propôs Sperber, a sexualidade (força da excitação sexual, da copulação) estaria no surgimento da linguagem oral articulada humana que se conserva abertamente ou recalcada em palavras de muitas línguas, como comprovado pelo Autor em línguas germânicas e indo-europeias.

A tese de Sperber não trata da linguagem humana *lato sensu*, em que outros sistemas de signos, de símbolos, são entendidos como uma espécie de língua, pelo fato de poderem ser decifrados, decodificados, traduzidos numa linguagem verbal, falada ou mesmo escrita. Não, ele cuida diretamente da linguagem oral, falada, a que caracteriza o homem enquanto tal, que como oral surgiu no homem.

Muitas outras questões poderiam ser levantadas no raciocínio deste Autor, mas vamos nos deter aqui, sem, no entanto, abdicar de perquirir esta trilha.

Referências bibliográficas

ABEL, C. Über den Gegensinn der Urworte. Sprachwissenschaftliche Abhandlungen: Leipzig, 1885, p. 313-367.

AMATI-MEHLER, J; ARGENTIERI, S; CANESTRI, J. *A Babel do Inconsciente. Língua Materna e Línguas Estrangeiras na Dimensão Psicanalítica*. Trad. brasileira do orig. Italiano (1990), Rio de Janeiro: Imago, 2005.

ARRIVÉ, M. *Linguagem e Psicanálise. Lingüística e Inconsciente. Freud, Saussure, Pichon, Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. *Langage et psychanalyse, linguistique et inconscient. Freud, Saussure, Pichon, Lacan*. Paris : PUF, 1994.

_____. *Linguística e Psicanálise. Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os outros*. Trad. do original francês (1986) *Linguistique et psychanalyse. Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan et les autres*. São Paulo: Edusp, 1994.

BENVENISTE, E. “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana”. In: BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral I*, 3ª. ed., Campinas: Pontes, 1991.

BYNON, Theodora. *Historical Linguistics*. London: Cambridge University Press, 1977.

COHEN, M. A. A. M. A questão do sujeito e algumas articulações possíveis, In: PROENÇA LARA, G. et alii (Orgs.) *Análises do discurso hoje*, vol. 1, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. Análise do Discurso e Psicanálise. In: MACHADO, I. L. & MENEZES, W. A. (Orgs.) 1º. *Encontro Mineiro de Análise do Discurso. Gêneros, Comunicação e Sociedade*. Jun. 2005. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.

_____. Que lingüística é esta apresentada por Lacan em “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”? IN: MOTA, J. (org.). *I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística. Atas*. Vol. II – Comunicações. Salvador, Bahia: Instituto de Letras da UFBA, 1997.

COSTES, Alain. *Lacan : le fourvoisement linguistique. La métaphore introuvable*. Paris : Presses Universitaires de France, 2003.

FREUD, S. *Der Witz und sein Beziehung zum Unbewusste*. S. Fischer Verlag, GmbH, Frankfurt am Main, 1970.

Edição eletrônica de Freud. s/d

FREUD, S. *Obras Completas*, vols. I, VI, VIII, XI, XV. 2ª. ed., Rio de Janeiro: Imago, 1987.

LAPLANCHE, J. *Novos Fundamentos para a Psicanálise*. Trad. do original francês *Nouveaux Fondements pour la Psychanalyse*, (1987), São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LAPLANCHE, J. *Problemáticas IV. O inconsciente e o ID*, seguido de LAPLANCHE J.; LECLAIRE, S. *O inconsciente: um estudo psicanalítico*, trad. do original fr., 1981, São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LEPSCHY, G. European Linguistics in the Twentieth Century. In: BYNON, Th.; PALMER, F.R. (orgs.) *Studies in the history of Western Linguistics*. London: Cambridge University Press, 1986.

LYONS, John. *Introdução à Lingüística Teórica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

MALISKA, M. E. *Entre Lingüística e Psicanálise. O real como causalidade da língua em Saussure*. Curitiba: Juruá, 2003.

MICHAËLIS de VASCONCELOS, C. *Lições de Filologia Portuguesa. Segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13*. Lisboa: Martins Fontes, s/d.

RIBEIRO, Tarcisia M. L. A influência de atividades sexuais /do momentum sexual sobre a origem e o desenvolvimento da linguagem, B.H.: ABRAJUR, 2010. Trad. do original alemão SPERBER, HANS “Über den Einfluss sexueller Momente auf Entstehung und Entwicklung der Sprache“, Imago, I, 5: 405-438, [1912].

SPERBER, Hans. *Über den Einfluss sexueller Momente auf Entstehung und Entwicklung der Sprache*, Imago, I, 5: 405-438, 1912.